

ENTRE FEMINISMO E RAÇA

Carla Gisele Batista¹

Resumo

Neste texto, busca-se resgatar a história de vida de uma jovem mulher negra. Com uma trajetória marcada pela violência, o acesso à educação, a militância no movimento da juventude e negro e a aproximação ao feminismo se entrelaçam, não sem conflitos, no caminho de sua autoformação como sujeito.

Palavras-chave: História de Vida. Violência Doméstica. Violência Sexual. Feminismo. Racismo. Movimentos Sociais.

Abstract

This text seeks to rescue a life history of an young black women. With a trajectory marked by violence, access to education, militancy on youth and black movements and the proximity with the feminism that entwines, not free from conflicts, the path of her self-affirmation as a subject.

Keywords: Life History. Domestic Violence. Sexual Violence. Feminism. Racism. Social Movements.

“Lembrar não é reviver, é re-fazer”.
Marilena Chauí

“Sou uma porção generosa de ancestralidade, amor e feminismo”.
Ana²

Introdução

Certa vez participei de um debate sobre *corpos políticos*, em um dos Diálogos Feministas que aconteciam antes dos Fóruns Sociais Mundiais (FSM), com a presença de feministas de vários países, organizações e movimentos. Buscávamos construir uma compreensão coletiva para o conceito e ousei afirmar como a mim esta definição se apresentava: uma possibilidade de assumir, politicamente, questões e lutas que não eram parte, necessariamente, da minha identidade, mas com as quais eu tinha, sim, identidade política e nas quais eu acreditava ser muito importante me

¹ Licenciada em História pela UFPE, mestra em Estudos Interdisciplinares sobre gênero e feminismo pelo PPGNEIM/UFBA. Professora da disciplina gênero e diversidade em cursos de extensão para professores da rede pública. É integrante do Comitê Latino Americano e do Caribe de Defesa dos Direitos da Mulher – CLADEM/Brasil.

² Minha entrevistada para esta história de vida será denominada Ana para a sequência deste texto.

envolver, consciente, porém, de não ser o sujeito principal desta luta. O debate que se seguiu foi bastante constrangedor. Minha fala provocou uma discordância profunda nas mulheres negras presentes. Elas afirmavam e reafirmavam, por mais que eu e outras companheiras tentássemos explicar a minha tentativa de definir o termo e concordássemos com o que elas diziam, que eu jamais poderia vivenciar a experiência da discriminação sofrida por uma mulher negra. Reafirmo minha concordância com elas!

Ao pensar em fazer o resgate da história de vida de uma colega de mestrado na Universidade Federal da Bahia, uma mulher negra, quero, antes de mais nada, dizer que, em nenhum momento, me senti apta a traduzir os sentimentos por ela experienciados. Minha intenção foi, antes de qualquer coisa, a de conhecer parte de seus percursos relacionando-os, em alguns momentos, aos contextos de vida de outras mulheres. Priorizei a utilização dos dados sobre mulheres negras, quando encontrei referências que me permitissem alguma comparação. Confesso que como isto não foi feito de forma exaustiva estou à mercê das falhas, lacunas, desvios de leituras que este registro possa conter. Antes de qualquer coisa, me dediquei a tentar relatar o que a informante me contou, por encontrar na sua fala, independentemente de qualquer análise, elementos que traziam em si, já refletidos, uma realidade que buscamos desvendar. Esta é, portanto, uma história de vida que fala por si própria.

De acordo com Nogueira (2004), a história de vida propõe uma escuta comprometida, engajada e participativa. Na relação de cumplicidade entre pesquisadores e sujeitos pesquisados encontra-se a possibilidade daquele que narra sua história, experimentar uma resignificação do seu percurso e dar continuação à construção de um sentido frente a este relato endereçado³.

Permite, também, a quem escuta, questionar e ressignificar o seu próprio percurso. O relato de Ana trouxe à tona diversos questionamentos colocados pelas mulheres negras para as feministas brancas. E eu sou uma delas. Entendo que a militância costuma possibilitar às pessoas uma maior autonomia e compreensão do seu lugar de sujeito no mundo. Atuar no movimento feminista foi um caminho de produzir transformações na minha vida que foram muito importantes, fundamentais, vitais; acredito, também, que contribuí, ainda que minimamente, para mudanças nas

³ SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 1, n. 1, 2007, p. 31.

vidas de outras mulheres, já que participei de construções que foram coletivas. Elas, sem dúvida, influíram nas minhas em todos esses anos de convivência. A partir deste dado, me questionava: como tem sido a aproximação com os movimentos de negros/as e de feministas para Ana? Em que a sua trajetória de mulher, negra, pobre, foi modificada e influenciada pela militância?

Maria Betânia Ávila, com quem compartilho, nos diz que

[...] no desenrolar da vida cotidiana é possível perceber que tanto a consciência de ser sujeito como de ser cidadã – e uma alimenta a outra – produz de imediato uma mudança na qualidade de vida das pessoas, uma vez que a recusa em aceitar a desigualdade passa a ser algo incontornável. As ‘micro-revoltas’ passam a ser processos permanentes, e com elas acontecem as aquisições e o engajamento no processo coletivo de mudança social. Nesse processo a repetição dos atos de dominação e exploração passa a ser desestabilizador, o que pode, assim, de maneira irregular, produzir rupturas mais profundas na forma de sociabilidade. A compreensão sobre direitos adquiridos como valor da sua condição de cidadã torna as mulheres mais fortes diante da adversidade⁴.

A vitalidade dessas palavras pode ser constatada na história relatada. A maneira como a consciência política provoca mudanças nas formas de sentir e estar no mundo, de pensar sobre ele e a força que as marcas do passado possuem. As contradições e conflitos que estes processos paralelos provocam na subjetividade de cada pessoa.

Gostaria ainda de me apropriar das palavras de Colette Guillaumin para registrar que

[...] todo traço físico é em si perfeitamente indiferente. Ele só ganha sentido, ele só pode ganhar sentido na medida em que estiver associado a (ou inscrito em) um processo social: que é um elemento de uma relação constitutiva da estrutura social. E, esquematicamente, tal é o caso das ditas ‘raças’ e do ‘sexo’. Ou mais exatamente das raças não-brancas e do sexo fêmea. Pois se observarmos bem, são eles que têm – ou que são – ‘raça’ e ‘sexo’⁵.

Não podemos, ainda, esquecer que “histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se

⁴ ÁVILA, Maria Betânia. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. G. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Ed. 34, 2002, p. 129-130.

⁵ GUILLAUMIN, Collete. Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos: a respeito da raça e do sexo. *Revista Estudos Feministas*, n. esp., 2. sem. 1994, p. 230.

insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte”⁶. Ouvir estas narrativas (foram três os nossos encontros) não deixou de me emocionar, pela profundidade das situações que elas apresentam; fizeram-me refletir no que há de comum entre suas experiências e as de outras mulheres, remetendo também ao que ouvi como educadora popular junto a várias organizações de mulheres nestes últimos anos. Não me furtei em nenhum momento, a buscar um diálogo entre as experiências vividas e o que me foi contado e tudo isto trouxe novas motivações para a minha atuação como feminista antirracista.

Agradeço a Ana pela confiança e disponibilidade com que aceitou o meu convite e espero não decepcioná-la pela forma como apresento o que comigo foi generosamente compartilhado, ainda que não esteja aqui registrado na sua totalidade. Um texto está escrito também pelas suas entrelinhas. Que sejam as de Ana a emergirem! Mas, se, em algum momento, assim não o for, já que fui a responsável pela escritura, espero que o sentido/sentir de Ana esteja dado com, pelo menos, boa parte da força e beleza com que foi trazido à tona em nossas conversas por esta moça nascida no ano de 1980 que, ao falar sobre o começo de sua vida, ficou muito comovida. Os equívocos presentes, estes são seguramente meus.

Trabalho Infantil e Escola

A lembrança que primeiro lhe vem é a de ela e sua *mainha* sempre chorando. Quando criança, ela sempre queria coisas que a mãe não podia lhe dar e esta, por outro lado, sempre lhe pedia ajuda, mas ela não queria contribuir. Ela se via como uma menina e também como uma jovem muito *cheia de vontades*. Ao mesmo tempo, já se percebia muito madura desde a infância. Diante dos seus desejos de brincar, de ser criança sem responsabilidades, podemos inferir que sobre Ana também recaía a imagem de uma “mulher pequena”, uma “mãe menor” conforme definido em pesquisa realizada por Zahidé Machado Neto acerca do trabalho de meninas em bairros proletários da Região Metropolitana de Salvador (RMS)⁷.

⁶ SPÍNDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da S. Trabalhando com História de Vida: percalços de uma pesquisa(dora)? *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003, p. 121.

⁷ MACHADO NETO, Zahidé. As meninas: sobre o trabalho da criança e da adolescente em família proletária. In: AGUIAR, N. (Org.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p. 220-246.

Desde cedo, essas precisam ajudar em casa. Mão de obra gratuita, em muitos casos, elas constituem a única ou importante fonte para os rendimentos familiares com trabalhos que reproduzem o mesmo tipo de tarefas normalmente destinadas às mulheres adultas. Com um percurso que muito se assemelha ao de outras crianças de sua classe social e também negras, Ana viveu sua infância entre o colégio e o trabalho. No caso dela, escola e trabalho muito próximos, porque ela saía junto com a mãe para vender coisas – que elas acordavam de madrugada ou de manhã para fritar ou cozinhar: *pastel, sonho, banana real, cavaco, geladinho, guloseimas...* –, na porta de escolas, inclusive, na que ela própria estudava no horário da tarde. Ela se lembra de ir com a roupa suja para a aula, já que passava as manhãs trabalhando. Algumas vezes, o irmão ou a mãe levavam roupa limpa para ela trocar.

Dos 11 para os 12 anos viveu a ameaça de ser reprovada na quinta série, por causa da matemática. A mãe, buscando uma forma para que não perdesse o ano, negociou para que ela estudasse em uma escola particular e fazia faxina na mesma instituição como forma de contribuir para o pagamento do curso da filha. Ana sentia muita vergonha de ter a mãe trabalhando ali naquela função e não contava para ninguém que aquela mulher era a sua mãe. Isto trazia muito sofrimento para ambas. Na escola, sofreu muita discriminação, por ser negra. Tinham sempre muitos apelidos para lhes chamar. Diz:

– *Nunca era a rainha de nada! Usava toalha na cabeça para dizer que o cabelo era grande. Odiava que a família fosse toda de pretos. Gostava de ficar em casa, sem tomar sol, para ficar branca. Queria ser Xuxa, Angélica...*

Esta experiência relatada por Ana me remete a um texto memorável de Wania Sant'Anna⁸ em que ela conta que, em um dia de compras, estava caminhando no bairro com a sua filha Flora, de quatro anos, e sua mãe quando viram uma jovem com uma bebê de cerca de um ano e meio sobre a qual ela comentou, como era bonitinha, e só obteve como resposta o silêncio de Flora. Ao insistir no tema com a filha, esta lhe respondeu: *Ela não é bonita. Ela é preta!*

Sua família, conforme relata Wania, sempre lidou de forma positiva com o fato de ser negra, sempre reconheceu a importância da autoestima, no entanto, a atitude de Flora, que era uma negação da conduta familiar, levou a que ela refletisse

⁸ SANT'ANNA, Wania. Sequestro à luz do meio dia ou como ser mãe em tempos de intolerância religiosa. *Geledés Instituto da Mulher Negra – Afrobrasileiros e suas lutas*, 12 jul. 2009. Artigo originalmente publicado na revista Proposta, ano 23, n. 65, p. 50-52, jun. 1995.

e escrevesse sobre a intolerância racial presente em uma sociedade que nega a si mesma a possibilidade de observar o que de belo nela existe.

As imagens instituídas, introjetadas sobre o real, positivadas por aqueles que têm poder para determinar o que é belo e desejável, estão profundamente arraigadas em todos nós, ainda que façamos parte do que é rejeitado por este ideal, que não sejamos identificados com o que está dentro dos parâmetros estéticos ou nem ao menos aceitáveis. O conflito presente na pessoa de Ana, ela contra si mesma, por ser a negação permanente daqueles que com ela conviviam e que nela *imprimiram* a permanente negação de si mesma, vai estar presente, de forma conflituosa, na forma como ela lidará com várias situações durante toda a sua vida. Negar-se a si mesma e querer se impor vão ser dois extremos da forma como ela vai buscar estar no mundo. Este desejo de se impor prevaleceu nos seus relatos.

O irmão ajudava desde os sete anos. Ela sempre teve vergonha de ter que trabalhar, mas realizava o que precisava ser feito. O pai, no entanto, nunca fazia nada, nem comprar o gás ou assumir outras tarefas para ajudar em casa. No carnaval, diz Ana, enquanto trabalhavam:

– O pai passava por ali, acompanhado ou não, mas não era capaz de se comprometer com o trabalho. Nem ao menos se dirigia a eles, sua família. Além disso, costumava criar problemas. Quando a mãe pôde, finalmente, ter uma conta em banco, o seu pai falsificava cheques e criava dificuldades permanentes para se beneficiar do recolhido com o trabalho realizado pela mãe e filho/a, sem contar que sempre foi um homem que bebia muito. Mais tarde, nasceu outro irmão. Todos os três filhos nasceram, coincidentemente, no mês de maio! O pai trabalhava como segurança patrimonial no polo petroquímico e a mãe colocou o pai na justiça para que ele pagasse pensão aos filhos. Ele, então, se demitiu para não ter como ser cobrado desta responsabilidade e nunca mais “conseguiu” outro trabalho fixo ou permanente.

Uma Vida em Família Perpassada pela Pobreza, Tensão e Violência

A violência está presente na vida de Ana de forma permanente, quase como um fio condutor. Violência que vai, no tempo e no espaço, tecendo limites, desde os mais profundos e abstratos até aqueles que são obstáculos concretos a serem

ultrapassados, mais e mais altos, duros, pesados... São barreiras que, ao mesmo tempo que externas, poderiam ter minado todas as suas capacidades de superação, forças que Ana reencontrou na sua vontade de viver de forma autônoma e livre, na história de resistência das mulheres negras. À imagem delas, foi desenhando caminhos e possibilidades de resistir às opressões e dores, ainda que estes se constituíssem muitas vezes negativamente, de forma equivocada, autopunitiva, com atitudes intempestivas em defesa de si, diante de qualquer possibilidade de violência advinda do/a outro/a, caminhos que se constroem à medida que vão sendo trilhados. A lembrança das brigas diárias, na relação do pai com a mãe, foi marcante. Havia uma vizinha que as levava para sua casa para retirá-las da situação de violência. Ana interferia nas brigas já que o pai costumava ouvi-la *às vezes...*

O pai tinha outra família, isto é, outra mulher e filhos/as. A sua mãe, trabalhava vendendo coisas nas ruas, mas ele *tomava* o dinheiro quando ela voltava. Ainda assim, a mãe lhe dizia que tinha que respeitar o pai, porque não era ele, mas um *espírito* que fazia com que ele agisse desta forma. A mãe costumava chamar uma moça do candomblé para ver se as coisas mudavam. Mas esta moça, na avaliação de Ana, era uma charlatã e o que acabava fazendo também era tirar o dinheiro de sua mãe, identificada como uma pessoa pacata, talvez, na dura percepção de Ana, *porque veio de uma família com muitas pessoas deficientes mentais.*

Ambos são negros, mas o pai *é mais negro que a mãe*. Seus pais se conheciam desde a adolescência: ele queria namorar a mãe, mas esta se recusava e, certo dia, ele a convidou para sair e a estuprou. Ele foi o primeiro homem dela, que ficou grávida de Ana. Foi expulsa da casa paterna por causa disto. O pai de Ana a colocou numa casa, mas, desde o início, foi um homem muito violento, batia muito na barriga da mãe durante o período de gravidez tentando provocar um aborto. Depois de nascida, a lembrança é de que as surras eram frequentes. Todos os dias ele batia nela e/ou na mãe, mesmo sem motivo.

Aqui também os relatos de Ana se inserem numa realidade que perpassa a vida de muitas outras mulheres. Nos anos recentes, a partir da ação feminista, a violência sexista tem se instituído como um problema a ser enfrentado por toda a sociedade. Avança-se também na construção de dados e análise, porém, mais lentamente no que se refere à população negra. Um exemplo disto são as pesquisas de opinião pública,

dentre elas as da Fundação Perseu Abramo. A última, finalizada em agosto de 2010⁹, apresenta dados que merecem ser destacados, já que se relaciona ao contexto do que nos é contado por Ana. A partir destes resultados, vale salientar que, se apenas 8% dos homens entrevistados afirmam que já bateu em uma mulher, 48% tem um amigo ou conhecido que já o fez e 25%, um parente. Para as mulheres o fato de o agressor ser alcoólatra/estar bêbado ou beber muito. Podemos que participaram, foi apresentado um quadro comparativo com a pesquisa anterior (as frases utilizadas nas duas foram equivalentes), que é interessante transpor para aqui, observando que se referem a respostas estimuladas:

SÍNTESE DA VIOLÊNCIA SOFRIDA POR MULHERES		
	2001	2010
Já sofreu alguma violência	43%	34%
Controle/cerceamento	9%	7%
Física ou ameaça (à integridade física)	28%	24%
Psíquica/verbal	27%	21%
Sexual	13%	10%
Assédio	11%	7%
Nunca sofreu nenhuma violência	57%	66%

Para as informações do ano 2010, em que foi considerada a cor/raça dessas mulheres, somando pretas e pardas temos um total igual ao de brancas que estiveram expostas a violências: 46%. A Região Nordeste é aquela que apresenta a maior porcentagem, 27% das mulheres nesta condição. E no que se refere à situação conjugal: 56% se declararam casadas entre as com ou sem registro, 28% solteiras, 8% separadas, 8% viúvas. Tanto em 2001 (34%) como em 2010 (46%), perguntadas espontaneamente sobre as razões da última violência sofrida, o controle da fidelidade foi o motivo de maior alegação e, ainda, 12% – o maior número de respostas para a questão – também afirmam como fator de pré-disposição visualizar a família de Ana presente nestes dados, ainda que ela não tenha se referido a qualquer ação no sentido de denúncia do seu pai, o marido da sua mãe, pelas violências perpetradas.

Numa inter-relação entre as diversas formas de violências impostas, Adesse e Costa nos remetem ao fato de que

⁹ A amostra ouviu 2.365 mulheres e 1.181 homens, com 15 anos de idade e mais, distribuídas em 25 UFS, cobrindo área urbana e rural.

[...] pesquisas (Berger 2003) revelam como são nebulosas, para as brasileiras, as fronteiras entre contato sexual desejado e consentido e cedido a partir de contextos complexos, em que o desejo da mulher não é expresso livremente. Os dados da dissertação de Berger também revelam como a violência doméstica de natureza não sexual está atrelada à violência sexual conjugal, apontando para uma complexidade que precisa ser mais bem compreendida e que é fundamental para a definição do problema¹⁰.

Complexos também são os papéis das igrejas e religiões no sentido da domesticação das mulheres para a convivência resignada com a violência. A forma como a mãe de Ana compreende e procura perdoar as atitudes do pai e marido são um exemplo claro do efeito danoso que estas instituições exercem nestes casos. Ana lembra que o pai era um homem muito forte porque lutou boxe. Quando batia, elas muitas vezes desmaiavam por causa da força dele. A última surra foi na passagem do aniversário dos 24 para 25 anos, quando Ana resolveu sair de casa.

Um Histórico de Violência Sexual¹¹

Ana também foi violentada, aos 13 anos de idade, por um tio. Não quis contar para ninguém, mas acabou contando para a prima, de 7 anos, que era sua melhor amiga. A prima contou para uma moça que costumava *dar uma olhada nas crianças* e esta tratou de *espalhar o acontecimento*. O homem foi preso. No entanto, todas as pessoas culpavam-na por isto. A tia (companheira do violador) a acusou de ser a responsável e o pai parou de falar com Ana, uma situação bastante comum na experiência com violência vivida pelas mulheres, meninas e/ou jovens, cujas reações vão no sentido de culpar a vítima pela violência sofrida. Com ela não foi diferente.

Ana afirma que muita gente não gosta dela na família. Estes familiares costumam dizer que ela *não tem jeito, pelo fato de ser muito atraente sexualmente*. Sempre *viram maldade* no comportamento dela que costuma usar roupas *pequenas* e curtas. Ana é realmente uma mulher destas que não conseguem passar despercebidas por onde passam, pela sua exuberância, beleza, postura, o que não legitima as acusações sofridas, mas tem sido historicamente usado como justificativa para

¹⁰ ADESSE, Leila; SOUZA, Cecília de Melo (Org.). *Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios*. Brasília: Ipas Brasil e Secretaria Especial de Política para as Mulheres, 2005, p. 1.

¹¹ “A violência sexual pode ser definida, de maneira ampla e genérica, como uma violência de gênero que se ‘caracteriza por um abuso de poder no qual a vítima (criança, adolescente e mulher) é usada para gratificação sexual do agressor sem seu consentimento, sendo induzida ou forçada a práticas sexuais com ou sem violência física’ (Ballone e Ortoloni, 2003)”. (ibidem, p. 20).

culpabilizar as vítimas de violência. Aos 15 anos, a situação se repetiu, como tentativa, com outro tio, que morreu de AIDS. Sua tia havia saído para trabalhar e ele chamou Ana para ajudar com a prima que estava com febre. O homem tentou, mas ela conseguiu se desvencilhar. Falou, então, sobre o que aconteceu com o irmão, que achou melhor que não contassem para ninguém porque isso poderia se reverter contra ela, em função da forma como as pessoas a viam e a acusavam, normalmente.

1. Relatos como o de Ana demonstram, mais uma vez, a dificuldade que grande parte das mulheres que sofrem violência sexual encontra para tomar a iniciativa de buscar ajuda no enfrentamento das suas consequências e também para punir o verdadeiro responsável pela agressão por elas sofrida. Conforme o Departamento de Medicina Legal da Universidade de Campinas (Unicamp), apenas de 10% a 20% encaminham denúncias¹². Já a Região Nordeste, a partir de dados das Secretarias de Segurança Pública, para o ano de 2000, apresentava 2.699 ocorrências de estupro que correspondiam a uma taxa de 5,66 por 100 mil habitantes. Adesse e Souza afirmam ainda que

1. [...] a violência sexual é pouco denunciada, dificultando o seu registro estatístico e a pesquisa nesta área. É, entretanto, amplamente conhecido que esse tipo de violência pode levar a lesões, gravidez indesejada, disfunção sexual e/ou doenças sexualmente transmissíveis (como o HIV), tendo também grande impacto sobre o estado psicológico da mulher. Entre os danos causados à saúde mental podem contar-se a ansiedade, a depressão e até o suicídio¹³.

2. A Precariedade do Morar

3. O lugar onde habitavam no início da sua vida é o mesmo em que a mãe mora até hoje, um lugar chamado Joana d'Arc, uma ocupação, onde acabou ficando toda a família, entendida aqui de forma ampliada. Ana, tendo saído de casa, procurou outros lugares para viver, sempre se deparando com muita precariedade. Teve problemas ao dividir moradia; precisou se sujeitar a viver em lugares inseguros, sem qualquer estrutura. A falta de dinheiro fez com que voltasse para a casa da mãe, em períodos considerados extremos, não sem constrangimentos, ainda que fosse bem recebida. Mas, pode-se perceber em

¹² Ibidem, p. 25.

¹³ Ibidem, p. 13-14.

todos os seus depoimentos, que poder estar em algum lugar de forma independente era para ela uma necessidade e um objetivo. Se as circunstâncias não fizeram com que isto fosse uma realidade, de imediato, ela tentou se organizar dentro das formas possíveis à sua condição.

Namorados, Mais Uma Vez Violências

As experiências vividas de violação fizeram com que, durante um período de sua vida, Ana *tivesse pavor a homens*. Depois do que aconteceu, só veio a beijar alguém aos 18 anos. Para além do trauma com a violência sofrida: *Achava muito feio pessoas negras se beijando*. Aos 23 anos, ela se permitiu ter relações sexuais. Nesta época, o pai costumava trancá-la em casa. Na primeira vez que saiu com um rapaz pelo qual estava interessada, foram a um hotel porque aí, a princípio, se sentiriam mais seguros e à vontade, mas ela não queria transar. Foi violentada. E quando tudo terminou, o companheiro: *Disse que tinha conseguido o que queria e jogou moedas sobre mim e foi-se embora!* Ela decidiu que ficaria com todos ou com qualquer homem a partir daí. Não deixava que eles a beijassem, mas que a tocassem: *Comecei a ter uma vida louca!* No entanto, isso fazia com que ficasse com raiva e nojo dela mesma, o que descontava na mãe, culpando-a.

Sempre ia procurar emprego caminhando, já que não tinha dinheiro para o transporte. Escolhia entre aceitar carona ou chegar depois das 22 horas e apanhar do pai. Essas caronas normalmente tinham *um preço, uma passada de mão*. Mais tarde conheceu um ator que a convidou para ir ao teatro. Este homem lhe propôs que usasse o seu cabelo como ele era realmente. Antes disto, era espichado e loiro. Temos, aqui, mais uma vez, a “raça branca” como modelo para um ideal de beleza e do que é bom, do que tem valor, e a constatação de como isto está introjetado na nossa subjetividade. Suely Carneiro se remete a Piza, para explicar como

[...] a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro (aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é qualificado positivamente), como pelo afastamento do outro (de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente)... Na tentativa de diminuir o medo e a ansiedade causados pela possível semelhança ou dessemelhança entre eu e o outro, reproduzo imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo¹⁴.

¹⁴ PIZA Edith. Da cor do pecado. *Revista Estudos Feministas* n. 1, 1995, p. 54 apud CARNEIRO,

Seguindo a narrativa, na primeira relação sexual com este ator, acreditou estar grávida. Nunca soube realmente se esteve ou não. *Ele? Sumiu, assim como a menstruação.* Mas ela o procurou e ele lhe sugeriu um aborto. Ana realizou a interrupção desta gravidez, real ou imaginária, em condições bastante precárias e de forma solitária para que a sua família não desconfiasse de nada, submetendo-se à violência institucional, com sofrimento físico durante um período muito longo. Finalmente, recorreu a um hospital em que uma ginecologista lhe deu a medicação necessária para que ela ficasse bem. A médica lhe explicou que o que ela tinha eram cistos e que acreditava que ela nunca tinha ficado grávida.

Ela só contou o acontecido para o irmão de 16 anos, que comprava absorventes para ela e nunca disse nada a ninguém. Neste momento do relato, Ana se ressentiu de nunca ter tido muitos/as amigos/as, mas sempre destacava a proximidade deste irmão como uma coisa muito importante na sua vida. Ele, muitas vezes, gastou o pouco que tinha para poder compartilhar com Ana coisas que ela queria ou necessitava. Ele era o seu confidente.

Ana, no entanto, estava apaixonada por este ator. Foi aos ensaios do Ilê Ayê¹⁵ para poder vê-lo e, embora nunca tenha recebido muita atenção da parte dele, foi a partir do contato com ele que começou a mudar o seu comportamento: passou a usar tranças, *porque estava na moda*, começou a se preocupar em ser uma pessoa mais informada e em *ter coisas a dizer*. Foi ele quem lhe chamou a atenção para a necessidade de estudar. Falou para ela também sobre o Instituto Cultural Steve Biko, aonde ela acabou indo para uma entrevista, na qual foi muito sincera nas suas opiniões: *Racismo não existe. Cotas? São esmolos!* Tudo muito diferente do que ela pensa atualmente. Acredita que foi selecionada pela sua sinceridade. Ela se apaixonou pelo entrevistador do Instituto Steve Biko, porque ele *era pai, amigo, irmão, conselheiro*. Então fez da vida dele *um inferno* para que namorasse com ela. Um dia ele também se declarou apaixonado e, finalmente, começaram a namorar, mesmo ele sendo casado. O namoro durou mais ou menos um ano. Neste período ele quis que fossem morar juntos, mas ela não concordou e ele acabou se casando com outra pessoa. Ela, ciumenta, ainda insistiu um pouco, mas a relação teve fim.

Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 2. sem. 1995, p. 547.

¹⁵ Primeiro bloco afro-baiano, criado em 1974, com propostas de cunho político-cultural. Tem como objetivo a afirmação do negro e da sua cultura; possui projetos educativos, profissionalizantes, etc.

A militância não fez, no entanto, com que cuidasse mais do próprio corpo no que se refere à contracepção, por exemplo: nada diferente de boa parte das jovens da sua idade.

– Se estiver com um namorado que goste muito não me preocupo em usar camisinha. Não tenho compatibilidade com contraceptivos.

Com trinta anos¹⁶, se sente no auge da descoberta da sua sexualidade, mas, ao mesmo tempo, se ressentia por *não ter ninguém com quem trocar isso!* Os homens costumam reclamar da sua militância, das viagens, porque *isso cria insegurança neles: a autonomia que eu tenho*. Ela pensou em abrir mão de tudo para ficar com um namorado que teve. Faria isso para ter um companheiro e este seria um momento de dedicação igual ao que dedico ao mestrado ou à militância. Afinal de contas, para ela, *a solidão deixa a gente amarga!* Ana, no final de 2012, quando termino este texto, está há quase dois anos com um namorado fixo.

Religião

Toda a sua família é da Igreja Universal do Reino de Deus. Não seguem mais o Candomblé. Sua avó, que era mãe de santo, morreu de câncer, o que fez com que os seus familiares renegassem os Orixás. O mesmo raciocínio funcionou no caso do pai: *Se ele não mudava, se era o que era, então era porque os orixás em nada podiam ajudar*. Por isso resolveram se dedicar à Igreja Universal. Ela também.

Primeiro foi testemunha de Jeová, mas não gostava muito de frequentar a Igreja porque ali as pessoas se vestiam muito bem e ela se sentia diferente, devido à sua forma de se trajar, já que sempre usou *pouca roupa*. No entanto, se dedicou a estudar, concluiu *vários livros*. Comparando as duas igrejas acha que:

– Os Testemunhas tinham o propósito de melhorar a vida das pessoas e elas realmente estudavam a Bíblia. Já a Igreja Universal está mais voltada para campanhas de arrecadação de recursos.

E relata que a mãe deixa aí, também, boa parte do seu dinheiro.

Sua mãe é filha de Iemanjá¹⁷ e costuma receber esta entidade em seu corpo e isto acontece, frequentemente, quando vai à Igreja Universal. O pessoal da Igreja,

¹⁶ Estas entrevistas foram feitas em 2011.

¹⁷ Iemanjá é também conhecida como a rainha do mar. Orixá da nação Yorubá, seu arquétipo diz que

então, bate em sua mãe como forma de a disciplinar, para *tirar o diabo do corpo* [...] *puxam o seu cabelo, gritam: queima, queima!*... Ela continua indo à Igreja Universal e segue sendo tratada violentamente, mas quer continuar dentro da Igreja porque acredita que foram os orixás dela que permitiram tudo o que de ruim aconteceu.

Interpretando essa reação da mãe, Ana a credita ao fato de a mãe querer sempre *as coisas certas*.

– *O candomblé é muito flexível. Nas igrejas as coisas estão sempre definidas entre certas ou erradas.*

A sua mãe costumava dizer que Ana, por influência de sua Padilha¹⁸, sofre, não encontra namorado fixo e usa roupas provocantes. Ana explica que, para o Candomblé, a Padilha é uma mensageira que tem o poder de fazer com que várias coisas aconteçam, tanto aquelas consideradas para o bem, como aquelas consideradas para o mal, como, por exemplo: terminar um casamento, encontrar um amor para alguém, conseguir trabalho etc. Questionada sobre a sua opinião a respeito do que diz a mãe, ela diz acreditar, também, que as coisas com ela são como são por causa das *entidades*. Acha que tem uma energia à sua volta que faz com que as pessoas digam que ela quer seduzir o tempo todo, mas que as pessoas a vêm de um jeito diferente do que ela é e de como ela se vê. No entanto, reafirma o seu gosto para se maquiar e colocar sapatos altos, mesmo quando está sofrendo. *Eu sou vaidosa!*

Em um determinado momento de sua vida, uma colega de trabalho, também uma mulher negra, lhe contou que a mãe estava sonhando com o sofrimento de Ana e que a orientara a se confirmar no Candomblé. Ana foi para uma feijoada de Ogum¹⁹ onde o babalorixá²⁰ incorporou e colocou uma coroa na cabeça dela dizendo que ela era filha de Ogum. Ela desmaiou e quando voltou a si chorava muito e Ogum a abraçava. No início da semana, quando voltou ao trabalho, recebeu um convite para um novo emprego. Depois, ela foi morar em um bairro mais central, onde alugou um

ela é maternal, e com seus filhos ajudam todas as pessoas. Gostam muito da ordem, hierarquia e disciplina.

¹⁸ Maria Padilha é uma das principais entidades da umbanda e do candomblé; costuma ser muito ‘procurada’ pelas pessoas que sofrem de paixões não correspondidas.

¹⁹ Na mitologia Yorubá é o ‘Senhor dos Metais’, já que ele próprio fabricava suas ferramentas. De acordo com Pierre Verger o arquétipo de Ogum é o das pessoas fortes, aguerridas e impulsivas, incapazes de perdoar as ofensas das quais foram vítimas. Das pessoas que perseguem seus objetivos energicamente e não se desencorajam facilmente. Identificado com São Jorge (no Rio de Janeiro) e com Santo Antonio (na Bahia).

²⁰ É um ‘sacerdote’ e ‘chefe’ de um terreiro de candomblé. Faz a consulta aos orixás através do jogo de búzios.

quarto. A reaproximação de Ana ao Candomblé foi o que possibilitou, acredita ela, estas boas novidades de trabalho e moradia.

A Universidade

No ENEM²¹, tirou boas notas. Cursou Serviço Social, na Universidade Católica de Salvador (UCSal). Conseguiu uma bolsa do Faz Universitário²², mas, como ela estudou um ano em escola particular, perdeu a bolsa. Solicitou, então, outra bolsa à própria Universidade. Ela não havia declarado o pai, que só queria que ela ficasse trabalhando no bar que ele montou como *isca de cliente*, e quando a assistente social foi pesquisar as informações achou, inicialmente, que ela havia mentido. O pai, então, se fingiu de tio, confirmou que ela precisava, sim, da bolsa, mas o fez com uma conversa no sentido de confundir a entrevista, o que poderia tê-la prejudicado. O que ela fez, então, foi ter um diálogo aberto com a assistente social em que contou como era toda a situação familiar e acabou conseguindo uma bolsa integral. O primeiro semestre não foi pago ainda e, por causa disto, só pôde entrar para o mestrado com o certificado/histórico escolar.

Militância

A experiência de ter adquirido consciência sobre a questão racial é considerada recente na sua vida. Consta dos últimos sete, oito anos. No Instituto Steve Biko, passou a ser do movimento. Fez um curso de formação de lideranças negras para pessoas selecionadas nas Universidades; foi para Brasília, onde conheceu personalidades que estavam em cargos estratégicos naquele momento, como Matilde Ribeiro (Ministra da Igualdade Racial, que também era assistente social de formação) e Joaquim Barbosa (Ministro do Supremo Tribunal Federal). Ana fundou o Núcleo Matilde Ribeiro na UCSal e a ministra veio para a inauguração. Fez da ação política uma prioridade e passou a ser *uma péssima aluna porque só queria fazer política! A política apaixonada, é um fato! Mas nela somos sujeitos*. Trouxe a

²¹ Exame Nacional do Ensino Médio, seleção unificada para universidades no Brasil.

²² O Faz Universitário foi criado pelo Governo da Bahia em 2001, em parceria com empresas e universidades, para a concessão de bolsas de estudos para alunos/as oriundos/as da rede pública de ensino.

questão racial para dentro da Universidade. Uma de suas professoras foi citada como muito companheira neste período, pois realizavam muitos debates e esta a estimulava a seguir atuante.

Participou do Encontro Nacional de Juventude Negra, em 2007. Deste encontro já saiu coordenadora do Fórum de Juventude Negra, cargo no qual permanecia até o momento das nossas entrevistas.

– Apesar da minha idade ter ultrapassado o limite, não permitem que eu saia ainda. Vai acontecer um encontro ainda em 2011 quando deverei entregar o cargo – conta ela.

O ingresso na ação política a levou também a fazer viagens, participando de atividades em outros países, como a Colômbia e os Estados Unidos²³. Ela procura sempre fazer o debate geracional nos espaços em que atua. Mas, dentro do movimento negro, vê uma dificuldade em processos que possibilitem a transição jovem–adulto. Acha que as pessoas que demonstram capacidade de liderança se perdem um pouco nesta transição. Ela ainda se vê como jovem, apesar da idade, em função da sua instabilidade financeira, trabalho, das relações amorosas.

O Encontro entre Trabalho e Militância

Ana conta que o único emprego conseguido no começo de sua vida profissional foi em *call center* porque *não dava para ver a cor da pele!* Quando trabalhou de vendedora, sofreu assédio sexual e tratamentos abusivos, mas, mais uma vez, tinha receio de contar o acontecido e isto reverter contra ela própria. Relata: *Isto foi antes da militância, que me fortaleceu!* Hoje não se submete mais, *tem mais instrução, o que afasta o assédio.* Com a aproximação ao movimento negro passou, inclusive, a reconhecer a mãe como *uma heroína na minha vida. Forte, brilhante!* Sente que aí compreendeu melhor a história desta mãe. Sobre as exclusões às quais esteve exposta, passou a analisar que aconteciam não porque ela não se dedicasse – *sempre estudei muito!* –, mas porque a questão da raça não abria oportunidades, ou mesmo, as fechava. *Por isso só conseguia trabalho informal!* Entendeu então, que o fracasso não era dela enquanto pessoa e a culpa, também não era da mãe, que ficou grávida dela!

²³ Ambas as viagens aconteceram em 2010.

Num artigo em que analisa dados sobre trajetória educacional e emprego para as mulheres negras, Márcia Lima chega a conclusões semelhantes às de Ana, que comprovam que “mesmo com altos níveis de escolaridade, as mulheres negras não conseguem atingir as etapas de mobilidade social que normalmente são proporcionadas pelo investimento em educação”. O racismo e as barreiras sociais que ele impõe a esta população acaba empurrando as mulheres negras para o trabalho doméstico e, ainda, mesmo quando conseguem “investir em educação numa tentativa de mobilidade social, elas se dirigem para empregos com menores rendimentos e menos reconhecidos no mercado de trabalho”²⁴.

No entanto, foi o seu engajamento político e a sua resistência que possibilitaram novos caminhos de trabalho para Ana, tal como um estágio numa Secretaria voltada para a questão racial, no seu município de moradia.

Um dos aspectos considerados para a organização dos movimentos sociais, pelos teóricos da solidariedade, conforme Brym²⁵ se referem ao fato de que uma das formas de grupos desprivilegiados socialmente ampliarem seu poder se dá através do recrutamento de mais membros, do fortalecimento da sua capacidade de organização, também para aumentar para estes membros o acesso a recursos considerados escassos e que a eles não estavam acessíveis, como dinheiro, empregos e maior visibilidade nos meios de comunicação. A relação dos integrantes de um movimento social segue, portanto, um caminho de mão dupla: fortalecer o movimento significa também fortalecer aqueles/as que o integram. Isto tem sido buscado pelos denominados novos movimentos sociais que se organizaram a partir da segunda metade do século passado, o movimento negro e o feminista entre eles, ainda que reconheçamos que a luta da população negra e das mulheres iniciou-se muito antes deste marco.

As relações profissionais tornaram, no entanto, as coisas um pouco mais complicadas para Ana, pois, como ela ia sempre caminhando para o trabalho e, em função disto, chegava atrasada, isto gerou muitos comentários e pressão já que as outras pessoas consideravam isto um privilégio e não compreendiam que era por falta de recursos para o transporte que aconteciam os atrasos. Nas suas próprias

²⁴ LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, 2. sem. 1995, p. 495.

²⁵ BRYM, Robert et al. **Sociologia**: sua bússola para um novo mundo. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

palavras, revela que, pessoalmente, também contribuiu para criar problemas e antipatias para ela mesma. Conta que chegou, inclusive, a ser acusada de colocar “coisa” na comida de um colega pelo fato de ser do Candomblé.

– *As pessoas ficaram sem querer falar comigo e o clima de trabalho ficou muito ruim.*

Recebeu, então, um convite para coordenar um Conselho voltado para o desenvolvimento da comunidade negra, vinculado à Secretaria Estadual. Para ela, *isso foi mágico!*; era um cargo político, de alguma forma, um reconhecimento e chegava em muito boa hora. No entanto ela se ressentiu pelo fato de o seu salário e a infraestrutura de trabalho serem inferiores aos da pessoa que ocupara anteriormente o mesmo cargo. Permaneceu ali por cerca de dois anos. Era muito requisitada pelos movimentos e se empenhava em abrir espaços para eles, mas estava se sentindo muito sobrecarregada, era criticada porque não se vestia *à altura do cargo*, ao que ela retruca que com a remuneração recebida não alcançava fazê-lo de outra forma. Relembra que ficou calada, *para preservar a instituição, que era para o movimento negro muito importante, uma conquista!* e em uma conversa com a pessoa responsável pela Secretaria foi-lhe prometida uma mudança da situação salarial e a melhoria da estrutura de trabalho, promessas que, segundo ela, não se cumpriram.

Ana se questionava se isto se passava pelo fato de ela ser jovem, pois, no seu entender, a questão era geracional e, além disto:

– *Desconfiavam o tempo todo que eu tinha o cargo por causa dos meus atributos físicos, já que eu não tinha nenhuma vinculação partidária, requisito que costuma favorecer as pessoas que assumem cargos públicos ou políticos.*

Ela mesma remete a um provável pedido do movimento ao qual estava vinculada e, também, a questões religiosas, a possibilidade de ter assumido esta função. Quando terminou sua graduação, com uma monografia relacionada às mulheres, foi transferida para trabalhar na área de políticas para as mulheres onde questionou a manutenção do salário no mesmo patamar anterior. Ana conta que *ficou nervosa, deu chilique, esculhambou! Pediu exoneração e ficou sem emprego*. Ficou três meses desempregada.

Fez seleção para um trabalho como pesquisadora e passou. No final deste trabalho, já havia sido também aprovada para o Mestrado, mas estava sem bolsa, que só foi disponibilizada para ela no final do primeiro ano, o que dificultou muito o seu

rendimento: não estava com dinheiro para ir para a Universidade, para tirar cópias e fazer leituras dos textos solicitados, o que criou para ela muito constrangimento e desânimo, já que era recorrente ter que pedir dinheiro à mãe para complementar as despesas, o que para ela, deveria ser ao contrário. Ela sim, *deveria ajudar a sua mãe financeiramente*. Ana, finalmente, recebeu bolsa, encontrou apoio e outros pequenos trabalhos que permitiram finalizar o seu mestrado em 2012.

Conclusão: Entre o Feminismo e a Raça

Ana analisa que houve momentos em sua vida em que tomou um posicionamento prioritariamente feminista, mas também aqueles em que sua postura foi radicalmente racial, inclusive em detrimento do outro. Conta um episódio em que foi a uma instituição e o vigilante a destratou e não a deixou entrar. Uma mulher que assistia a tudo a defendeu e foram até a direção registrar uma reclamação. Mas ela, no último momento preferiu não denunciar o vigilante.

– *Não aconteceu nada e a mulher acabou passando por mentirosa*, mas ela se viu *no lugar do homem negro, que poderia perder o seu emprego*. Outra situação relatada se deu numa conferência de políticas públicas. Duas mulheres, brancas, lésbicas, estavam se beijando, o que motivou uma reclamação do vigilante e ela *colocou panos quentes* sobre a questão. Propôs uma carta para a escola na qual estava acontecendo o evento e não uma reclamação direta ao servidor, pois, segundo ela:

– *Deveria ter sido a escola a prepará-lo para lidar com situações como aquelas*.

A maturidade política, por certo, também contribuiu para a forma com que ela lidou com outro problema. Foi no processo de elaboração da sua monografia, ainda no final da graduação, que percebeu como o racismo também estruturava a diferença entre as mulheres, de forma marcante. Ela sempre trazia questionamentos que eram superiores àqueles previstos em seu próprio trabalho acadêmico, para a orientadora.

– *E esta professora os direcionava para o futuro*.

Isso contribuiu para o seu interesse pela pós-graduação na área de gênero e feminismo. Sobre o Mestrado, ela afirma estar gostando:

– *Mas ainda não me vejo totalmente nele. O que encontrei foi o feminismo universal, branco. O conteúdo ainda não está voltado para compreender a fundo a questão racial.*

Isto, segundo ela, faz com que acabe se distanciando das pessoas da sua turma, pois, conforme a sua percepção, os critérios de raça e de classe social deveriam aparecer como prioridades para a distribuição de bolsas entre alunas/os.

Isso desafia a pensar como o critério das notas nos exames poderia se articular com esses outros aspectos, permitindo o acesso e a permanência de estudantes negros/as com maior possibilidade de se dedicarem aos estudos da forma exigida, questões que demandam o que as mulheres/feministas e negras têm colocado no sentido da sustentabilidade de um movimento antirracista no Brasil, tendo em vista a carreira acadêmica.

Saffioti²⁶ resgata a forma como o racismo e o sexismo nascem em um mesmo momento histórico. No entanto, os conflitos de posicionamento de Ana são, de alguma forma, coerentes com a maneira com que estes temas se apresentam, de forma apartada, enquanto identidades principais para estes movimentos. A própria hierarquização das lutas, quando se prioriza um ou outro aspecto, traz em si uma contradição. Caldwell²⁷, citando Suely Carneiro e Thereza Santos, afirma que as mulheres negras sentiram a necessidade de privilegiar a questão racial sobre a de sexo diante da relutância que as feministas brancas tiveram em lidar com o problema do racismo, relutância percebida, muitas vezes, como presença do racismo entre as próprias militantes.

Para Ana, as influências das ideias feministas e a sua militância no movimento negro estão muitas vezes se confrontando uma com a outra. São conflitos teóricos e práticos que estão presentes também no cotidiano de ativistas destes movimentos, exigindo um aprofundamento dos debates e reconhecimentos. É preciso evidenciar, ainda, que posicionamentos diversos existem a partir das diferentes formas de se pensar e analisar a realidade em busca de caminhos para a sua transformação, o que nem sempre poderá se apresentar como passível de conciliação entre todos os campos de um e de outro movimento.

²⁶ SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

²⁷ CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 91-108, 2000.

Persiste o compromisso político de conciliar, em uma luta de longo prazo, o que diariamente não pode ser desvencilhado: a dura forma como a discriminação e a exclusão recaem sobre a vida de meninas e mulheres, negras e pobres, construindo uma trama interseccionalizada. Ana é uma delas! e, no entanto, ela passou a ser uma daquelas mulheres que buscam reverter o que, a princípio, lhe fora definido como destino, um caminho que começou a ser trilhado e ganhou força a partir da aproximação com a militância política.

Referências

- ADESSE, Leila; SOUZA, Cecília de Melo (Org.). *Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios*. Brasília: Ipas Brasil e Secretaria Especial de Política para as Mulheres, 2005.
<http://www.sepm.gov.br/publicacoes-teste/publicacoes/2005/violenciasexual.pdf>.
- ÁVILA, Maria Betânia. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In: BRUSCHINI, C.; UNBEHAUM, S. G. (Org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Ed. 34, 2002. p. 121-142.
- BRYM, Robert et al. *Sociologia: sua bússola para um novo mundo*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CALDWELL, Kia Lilly. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 91-108, 2000.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 544-552, 2. sem. 1995.
journal.ufsc.br/index.php/ref/article/download/16472/15042
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- GUILLAUMIN, Collete. Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos: a respeito da raça e do sexo. *Revista Estudos Feministas*, n. esp, p. 228-233, 2. sem. 1994.
- LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, p. 489-495, 2. sem. 1995.
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16467/15037>
- MACHADO NETO, Zahidé. As meninas: sobre o trabalho da criança e da adolescente em família proletária. In: AGUIAR, N. (Org.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984. p. 220-246.
- NÚCLEO DE OPINIÃO PÚBLICA DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Pesquisa de opinião pública; mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privado*. Fundação Perseu Abramo; SESC, ago. 2010. Disponível em: www.fpa.org.br/sites/default/files/pesquisaintegral.pdf.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Violência de gênero no Brasil contemporâneo*.

In: _____; MUÑOZ-VARGAS, M. (Ed.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; NIPAS; Brasília: UNICEF, 1994. p. 151-186.

SANT'ANNA, Wania. Sequestro à luz do meio dia ou como ser mãe em tempos de intolerância religiosa. *Geledés Instituto da Mulher Negra – Afrobrasileiros e suas lutas*, 12 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/questao-racial/afrobrasileiros-e-suas-lutas/1577-sequestro-a-luz-do-meio-dia-ou-como-ser-mae-em-tempos-de-intolerancia-racial>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/mosaico
http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/conte_me_sua_historia_reflexoes_sobre_o_metodo_de_historia_de_vida.pdf.

SPÍNDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da S. Trabalhando com História de Vida: percalços de uma pesquisa(dora)? *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Salvador: Corrupio, 2002.